

Sob a Nudez dos Olhos (2008)

SEGUNDA-FEIRA, 7 DE ABRIL DE 2008 | O ESTADO DE S. PAULO | CADERNO 2 D5

Dança Espetáculo:

Com todos os ingredientes para o sucesso

Vanessa Macedo revela, em *Sob a Nudez dos Olhos*, uma aptidão especial para o manejo coreográfico com grupos

CRÍTICA

HELENA KATZ
ESPECIAL PARA O ESTADO

Não é sempre que se pode saudar o surgimento de uma nova coreógrafa e, muito menos, a de uma coreógrafa interessada em criar danças para grupo. *Sob a Nudez dos Olhos*, espetáculo que a Cia. Fragmento apresentou na Galeria Olido, funciona como uma boa fiança de um talento que demonstra condições necessárias para se consolidar ao longo do tempo. Vanessa Macedo, que vem se destacando como intérprete na Cia. Borelli de Dança, começa a profissionalizar-se em uma outra vertente, a de coreógrafa da companhia que dirige desde 2002.

A Cia. Fragmento funciona como um núcleo artístico que convida colaboradores para as suas produções. Nesta, que acabou de estreiar, foi Angela Nolfi quem assumiu a direção artística, e a sua atuação se tornou visível no zelo pelo acabamento do material que os sete bailarinos apresentam. Embora a juventude do elenco dificulte a exploração das texturas dramáticas que a criação parece interessada em explorar, percebe-se um cuidadoso empenho de cada qual ao que faz. Felizmente, esse engajamento se dá dentro das condições particulares de cada um e, assim, o grupo consegue se montar como um mosaico, o que é indispensável para

escapar de uma pasteurização que o transformaria em uma espécie de corpo de baile contemporâneo – estratégia que revela a sensibilidade da diretora para a natureza do trabalho que a Fragmentos deseja realizar.

Cada um de nós é formado por uma coleção de informações que vive se modificando por conta das trocas inestancáveis entre corpo e ambiente que vão se processando durante e depois da vida. Dependendo dos meios por onde se circula, as trocas são de um jeito ou de outro, bem diferentes. Compreendendo o que ocorre entre corpo e ambiente, fica mais fácil identificar que os anos de convivência com a linguagem de Sandro Borelli não poderiam deixar de estar muito vi-

vos e atuantes naquilo que Vanessa Macedo faz. Afinal, o tipo de dramaturgia que Sandro Borelli vem construindo pertence à sua coleção de informações, uma vez que ela ensaia diariamente nesse ambiente. Essa forte presença, contudo, não impede que ela já consiga inaugurar uma espécie de afluentes ao rio de informação que a inunda.

Não à toa, ela também se interessa por temas densos e que tendem a abarcar muitos assuntos complexos de uma vez só. *Sob a Nudez dos Olhos*, que se inspirou livremente no *Ensaio Sobre a Cegueira*, do escritor português José Saramago, se propõe, por exemplo, a “discutir a essência humana” – o que, convenhamos, não é lá um objetivo muito modesto.

Vanessa revela uma aptidão para o manejo coreográfico dos grupos, especialmente na maneira como eles se formam, se desmancham e se reorganizam. Essa é a sua melhor qualidade coreográfica, no momento. Sabe imprimir um bom ritmo entre os momentos em que o elenco atua em conjunto, e aqueles em que se subdividem em pequenos agrupamentos. Adriana Guidolle, André Ricardo, Érica Tessarolo, Marcos Buiati, Robson Ferraz e Samantha Barros transitam bem pelas duas situações. A densidade que ainda falta a seus personagens será conquistada na continuidade desse processo. O importante é que os ingredientes necessários para o seu sucesso já estão presentes. ●

DIVULGAÇÃO



CENA - Inspiração em Saramago



**2ª MOSTRA DO FOMENTO À DANÇA
PARECER CRÍTICO**

Parecerista: Ana Carolina Mundim
Cia. Fragmento de Dança – Sob a nudez dos olhos

Penumbra e três corpos em cena. Um homem observador. Outro homem esfacelando a carne da mulher a sua frente para alimentar-se dela. Assim começa *Sob a nudez dos olhos*, espetáculo da Cia Fragmento de Dança, coreografado por Vanessa Macedo e dirigido por Ângela Nolf. O ambiente criado no início do espetáculo, conjugado à bela música de Allen Ferraud, anuncia o clima que percorrerá todo o trabalho, o qual foi inspirado livremente no livro *Ensaio sob a cegueira*, de José Saramago (1995). A obra literária, que recentemente também serviu de base criativa para o filme homônimo, de Fernando Meirelles, aborda a história de uma cidade que, repentinamente, é infectada por uma cegueira coletiva, tendo como única pessoa não contaminada a O espetáculo expõe, de modo lírico, o ser humano em suas fragilidades afetivas, em sua incapacidade de relação, em suas dificuldades de comunicação, em seu egoísmo inerente. A cegueira, como metáfora da impotência humana diante das mazelas criadas pela própria sociedade, alastra-se nos corpos como chaga mortal, que, quando torna-se consciente, gera sufocamento, ansiedade, desespero, pela impossibilidade de transformação. Homens zumbis caminham e dançam em seus trilhos previamente determinados, em processo contínuo de degradação. Homens-trapo com a alma em putrefação, tentando submergir dos destroços que eles mesmos provocaram.

O elenco, cujos integrantes, em sua maioria, são oriundos do curso de dança da Universidade Estadual de Campinas, é jovem, e, embora aponte um caminho para tentar se adequar à densidade exigida pelo trabalho, ainda não consegue mergulhar na obra com a profundidade necessária para a discussão do tema. Isso, no entanto, não impede que o espetáculo apresente qualidades suficientes para emocionar o público com sua delicadeza. Seguramente, com o vasto potencial técnico-criativo apresentado pela companhia, o amadurecimento do trabalho e o comprometimento mais intenso do elenco com a proposta, virão como consequência do tempo.

Quando a sombra invade a alma

Vanessa Macedo se revela como uma coreógrafa sensível e competente e confirma, neste primeiro trabalho coletivo da Cia Fragmento, criada em 2002, a sua tendência em trabalhar em grupos. A intérprete-criadora, que já participou das Cias de Diadema, Quasar Cia de Dança e integra a Cia Borelli há quatro anos, apresenta em suas criações contaminações naturais deste percurso profissional. Isso é notável, especialmente, no modo como conduz os processos de criação, pautado em uma dança de pesquisa e teatralizada, interferência atribuída à Cia Borelli e no vocabulário corporal utilizado, que assinala fortes vestígios de sua experiência na Quasar Cia de Dança. Apesar destas influências marcantes, Vanessa começa a demarcar território próprio e mostra que tem envergadura para isso.

A parceria com Ângela Nolf, que dirigiu o espetáculo, parece o casamento perfeito. A diretora constrói uma dramaturgia no corpo dos bailarinos, antes de uma dramaturgia da cena, de modo que a construção do espetáculo esteja totalmente fundada nas imagens promovidas pelos próprios movimentos dos intérprete-criadores. Iluminação, de André Prado, figurinos, de Nani Brisque e trilha sonora de Ferraud (especialmente composta para o espetáculo) são os únicos elementos externos utilizados para compor a narrativa construída pelos intérpretes e o fazem com qualidade impecável.

O espetáculo, paradoxalmente áspero e terno, se encerra em reticências, deixando para o público o "ruidoso silêncio" do pensamento e a reverberação da poética vivida e compartilhada.